UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

BACHARELADO EM JORNALISMO

Aline Melo de Oliveira

Da Lama ao Óleo: Representações dos Pescadores Artesanais de Pernambuco na Cobertura do Vazamento de Petróleo no Nordeste

RECIFE-PE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

JORNALISMO

Aline Melo de Oliveira

Da Lama ao Óleo: Representações dos Pescadores Artesanais de Pernambuco na Cobertura do Vazamento de Petróleo no Nordeste

TCC apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria Andrade de Santana

RECIFE-PE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Oliveira, Aline Melo de.
Da Lama ao Óleo: Representações dos Pescadores Artesanais de Pernambuco na Cobertura do Vazamento de Petróleo no Nordeste / Aline Melo de Oliveira. - Recife, 20222.
38 : il.

Orientador(a): Adriana Maria Andrade de Santana
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Jornalismo - Bacharelado, 20222.

1. Pesca Artesanal. 2. Jornalismo Ambiental . 3. Folha de Pernambuco. 4. Representações sociais . 5. Óleo . I. Santana, Adriana Maria Andrade de . (Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

Aline Melo de Oliveira

Da Lama ao Óleo: Representações dos Pescadores Artesanais de Pernambuco na Cobertura do Vazamento de Petróleo no Nordeste

TCC apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Adriana Maria Andrade de Santana (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Profa. Dra. Paula Reis Melo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Ms. Fabiane Cavalcanti (Examinadora Externa)
Jornalista e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

“Semente de amor sei que sou desde nascença”. De outra forma não poderia começar um agradecimento que não fosse por quem me criou com amor: minha mãe, Cybelle, e o meu pai, Carlos, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando.

Durante os quatro anos de graduação, dividi angústias, felicidades e diversas produções com a minha dupla Danilo, junto com Marcela, Marcelo e Vitor. É preciso também dividir este momento com eles, que estiveram comigo do começo ao fim dessa jornada.

Às amigas de longe, Rafaela Maria e Letícia, que influenciaram na minha trajetória, seja com novas leituras, seja no incentivo para acreditar no meu potencial acadêmico e profissional.

Ao Rafael, que me apoiou bastante nesse período final, me lembrando que quase sempre é necessário ter fé cega e faca amolada.

Por fim, encerro com carinho e a conta gotas os quatro anos de graduação, dois deles marcados pela pandemia do Covid-19, e sigo para outra jornada da vida. A gente esquece um samba e faz um outro samba.

“O desvario irresistível de uma cínica noção de ‘progresso’, que elevou a cidade ao posto de ‘metrópole’ do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade”.

Trecho do primeiro Manifesto do Mangue “Caranguejos com Cérebro”, escrito por Fred Zero Quatro em 1994.

RESUMO

Os pescadores artesanais foram bastante afetados pelo vazamento de petróleo no litoral nordestino em setembro de 2019. Esse crime ambiental não só aumentou a vulnerabilidade socioeconômica, como também prejudicou a saúde física e mental de quem vive da pesca artesanal. Ainda assim, os pescadores tiveram suas vozes e lutas silenciadas pela mídia tradicional do estado. À vista disso, o objetivo principal desta pesquisa foi analisar a forma como pescadores artesanais foram representados durante a cobertura da Folha de Pernambuco sobre o derramamento de óleo no Nordeste em 2019. Dessa forma, o intuito também foi mapear as fontes entrevistadas sobre o assunto no noticiário, além de analisar se a cobertura refletiu o racismo ambiental em Pernambuco e investigar como tem sido praticado o jornalismo ambiental nas redações do estado com base neste objeto de estudo. Foram coletadas 78 matérias entre os meses de setembro e novembro de 2019 para realizar uma análise quantitativa e qualitativa do conteúdo. A análise confirma a hipótese inicial da pesquisa, na qual a narrativa do tema é conduzida pela declaração de órgãos oficiais e representantes institucionais, enquanto os pescadores foram as vozes que menos aparecem nos noticiários, tendo suas pautas marginalizadas no jornal. Ademais, a ausência da designação “artesanal” ao citar pescadores na matéria se configura como uma mecanismo de violência simbólica, ao não referenciar as origens do profissional.

Palavras-chave: Pescadores artesanais; Folha de Pernambuco; representações; óleo.

ABSTRACT

Artisanal fishermen were heavily affected by the oil spill on the northeastern coast in September 2019. This environmental crime not only increased socioeconomic vulnerability, but also harmed the physical and mental health of those who live off artisanal fishing. Still, the fishermen had their voices and struggles silenced by the state's traditional media. The main objective of this research was to analyze how artisanal fishermen were represented during Folha de Pernambuco's coverage of the oil spill in the Northeast in 2019. In this way, the aim was also to map the sources interviewed on the subject in the news, in addition to analyzing whether the coverage reflected environmental racism in Pernambuco and to investigate how environmental journalism has been practiced in newsrooms in the state based on this object of study. 78 articles were collected between September and November 2019 to carry out a quantitative and qualitative analysis of the content. The analysis confirms the initial hypothesis of the research, in which the narrative of the theme is driven by the declaration of official bodies and institutional representatives, while the fishermen were the voices that appear less in the news, having their agendas marginalized in the newspaper. Furthermore, the absence of the designation “artisanal” when citing fishermen in the article is configured as a mechanism of symbolic violence, as it does not refer to the origins of the professional.

Keywords: Artisanal fishermen; Folha de Pernambuco; representations; oil.

SUMÁRIO

Introdução……8

1 Definições e Teorias no Jornalismo……10

1.1 Conceito de valor-notícia e enquadramento……..……12

1.2 Fontes e Vozes na notícia……14

1.3 Representações Sociais no Jornalismo.....16

2 Jornalismo Ambiental: algumas considerações……17

2.1 Cobertura de Injustiças Ambientais…….19

2.2 Mídia e Racismo Ambiental…….20

3 Análise da Folha de Pernambuco……23

3.1 Fontes e vozes……...25

4 Considerações finais…….. 32

Referências……34

Introdução

Em setembro de 2019, o Nordeste do Brasil sofreu um dos maiores crimes ambientais do país: o vazamento de mais de cinco mil toneladas de óleo cru, que se alastrou por todo o litoral e afetou os nove estados da região, de acordo com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Na época, o Governo Federal não tomou nenhuma medida por mais de um mês após o desastre, enquanto a população retirava o material das praias e estuários com as próprias mãos, sem equipamentos, arriscando a saúde ao ter contato direto com o óleo. Por ser uma região de zona costeira, o derramamento teve várias consequências socioambientais e econômicas, principalmente para os pescadores artesanais, que garantem seu sustento e alimentação através do pescado.

Um levantamento realizado pelo Comitê Gestor da Pesca Artesanal do Estado e pelas prefeituras de municípios atingidos avalia que mais de 12 mil pescadores foram afetados. Porém, o Comitê UFPE SOS Mar[1] estima que, devido à informalidade, cerca de 30 mil pessoas tiveram a vida impactada. Com a invasão do óleo poluindo o ecossistema, a renda dos pescadores foi drasticamente afetada pela falta de comercialização dos pescados que estavam contaminados e afetou também a saúde física e mental deles, que precisaram extrair seu próprio alimento do mar e ter contato direto da pele com o óleo cru. Mesmo sendo um dos principais grupos mais impactados pelo desastre, a cobertura da mídia tradicional em Pernambuco sobre o tema não deu a devida visibilidade para essa questão.

Pescadores artesanais e comunidades quilombolas que vivem da pesca no litoral do Nordeste sofreram um forte impacto racial, já que em diversas localidades a atividade é realizada por 90% de pessoas negras (PENA et al., 2020), e tiveram sua renda familiar prejudicada, além da saúde física e mental afetadas. Algumas regiões contaminadas, como Rio Formoso, município da Mata Sul de Pernambuco, não receberam auxílio financeiro de nenhum governo, mesmo com a invasão do petróleo no estuário, expondo ainda mais essa parte da população à vulnerabilidade social.

---

[1] Rede de pesquisadores, estudantes e técnicos-administrativos que promove pesquisas, ações de extensão, ensino e inovação realizadas pela UFPE relacionadas à contaminação por petróleo no litoral do Nordeste.

Meu interesse pelo tema começou em 2020, quando entrei em um projeto sobre a percepção dos pescadores artesanais do município de Rio Formoso em relação às mudanças globais, uma extensão universitária que faz parte do Laboratório Misto Internacional Tapioca, ligado ao departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco. Durante entrevistas com pescadores e marisqueiras da Colônia Z-7, foi possível notar várias injustiças ambientais que marcavam a região e que não eram pauta em nenhum jornal tradicional do estado, como a saúde mental dos pescadores após enfrentarem as consequências do derramamento de óleo, seguido pela pandemia.

No artigo “Pescadoras e Pescadores artesanais silenciados: Impactos Socioambientais do Derramamento de Petróleo nas Comunidades Pesqueiras em Pernambuco” (SILVA; RODRIGUES, 2020), foi avaliado o papel da mídia em ressaltar o racismo ambiental sofrido por eles. A conclusão do estudo indica que a mídia oficial silenciou os pescadores no noticiário sobre o derrame de petróleo e potencializou o racismo ambiental. O foco de investigação foram os Diários Oficiais em níveis federal, estadual e municipal, com menções ao *Diario de Pernambuco*. Dessa forma, ainda faltam dados a respeito de como o jornalismo contribuiu para conectar ou afastar narrativas diversas na imprensa nacional.

O estudo dessas narrativas noticiadas busca, principalmente, uma compreensão de como a produção jornalística pode contribuir para a luta dos pescadores artesanais de Pernambuco por seus direitos frente à maior injustiça ambiental que o estado já presenciou. Isso se reflete também em questões raciais, já que o crime do vazamento de óleo deixou as pessoas que vivem da pesca em uma situação socioeconômica ainda mais vulnerável.

Nenhum jornal tradicional de Pernambuco possui mais editoria de ciência e saúde, o que significa que não há uma referência local em jornalismo ambiental fora dos jornais independentes. O *Jornal do Commercio* tinha uma editoria de Ciência e Meio Ambiente (CMA) na redação, criada em 1989, sendo a primeira do Nordeste (GOMES, 2005), que ganhou destaque como referência de jornalismo científico fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. A editoria chegou a receber o prêmio José Reis de Divulgação Científica em 1997, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um dos maiores méritos da área.

A escolha de analisar a *Folha de Pernambuco*, em suas edições impressas, deve-se primeiramente pela falta de acervo disponível para pesquisa dos jornais

impressos do *Diario de Pernambuco*. Já existe uma análise completa da cobertura do *Jornal do Commercio* no livro “Vozes Silenciadas: a cobertura do vazamento de petróleo na costa brasileira” (INTERVOZES, 2020), que será usada como referência para a pesquisa quantitativa. Isto é, o único jornal que não foi analisado e possui versão impressa para consulta é a Folha.

Fundada em 3 de abril de 1998, a Folha de Pernambuco pertence ao grupo empresarial EQM, do empresário Eduardo Queiroz Monteiro, fundador e proprietário do jornal. O empresário também é dono de três usinas em Pernambuco, sendo a principal delas a Usina Cucaú de cana-de-açúcar em Rio Formoso. É comum encontrar uma enorme valorização da indústria canavieira e da comercialização do etanol nas páginas da Folha.

Portanto, a presente pesquisa pretende avaliar de que modo as pescadoras e pescadores artesanais foram representadas nas notícias da *Folha de Pernambuco* sobre o vazamento de óleo. A hipótese é que a cobertura do veículo não atuou de forma satisfatória para incluir as consequências do desastre na população pesqueira do estado no noticiário. Esse silenciamento dos pescadores artesanais em um dos jornais de maior alcance de Pernambuco expressaria não só o racismo ambiental no estado, como também a falta de uma visão sobre como o jornalismo deve se posicionar em casos de injustiça ambiental.

1 Definições e teorias no Jornalismo

O acontecimento ‘incomum’ do derramamento de óleo no Nordeste se caracteriza como uma informação de forte valor-notícia (WOLF, 2003) agregado ao valor-serviço, não só em nível local, mas também nacional. Tal ocorrido singular não deixaria de receber atenção da mídia tradicional, estampar capas de jornais, ganhar reportagens especiais e espaço no noticiário. Porém, existem diferentes perspectivas possíveis para abordar este fato.

Quando se trata da região litorânea de Pernambuco, assim como em outros estados da região, é possível avaliar diversos setores afetados que são sensivelmente importantes para a economia local. Com as praias manchadas pelo óleo, o turismo não poderia manter sua agenda de hospedagem e passeios[2] pelas

[2] FONSECA, Danielle. Óleo em praias causa cancelamento de reservas em hotéis de PE, diz associação. G1, Pernambuco, 26 out. 2019. Disponível em:

famosas faixas de areia do estado, muito procuradas por serem um dos principais destinos turísticos no Brasil; o comércio de frutos do mar, incluindo grandes restaurantes da capital, teve diminuição de vendas na época[3] pelo medo de uma possível contaminação dos pescados.

Dessa forma, empresários de redes hoteleiras e do ramo alimentício do litoral foram bastante impactados. Entretanto, existe uma parcela ainda maior da população, formada por pescadores artesanais e marisqueiras, que já vivia em condições precárias muito antes do crime ambiental e que foi gravemente afetada em todos as esferas da vida: social, cultural e economicamente.

Partindo do pressuposto de que o processo de produção da notícia não se limita a uma mediação passiva, ou seja, uma mera transmissão de informações pontuais, esta pesquisa assume que o jornalismo cumpre um papel importante de conectar diferentes narrativas a um público amplo. Isto é, a forma como foi conduzida a cobertura midiática sobre o derramamento de óleo no Nordeste em 2019 foi determinante para definir qual a perspectiva dominante do assunto na esfera pública.

Assim, descarta-se a concepção da filosofia positivista que aborda a existência de uma verdade factual e objetiva a ser noticiada (CARLSON, 2017), como se o jornalismo fosse um “espelho” da realidade, sendo, ao contrário, participante ativo do processo da construção social do que entendemos por realidade.

Para Stuart Hall (2016, p. 323), ser jornalista não se limita a atualizar a população sobre o que está acontecendo. Indo além, o profissional tem a possibilidade - ainda que cerceada pela política editorial tradicional - de incluir informações que contextualizam o acontecimento e permitem que o público possa formular sua própria opinião com referências do assunto.

> Os *media* definem para a maioria da população os acontecimentos significativos que estão tendo lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos e pessoas ou grupo nelas envolvidos.

---

https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/10/26/oleo-em-praias-causa-cancelamento-de-reservas-em-hoteis-de-pernambuco-diz-associacao-de-turismo.ghtml. Acesso em: 28 mar. 2022.

[3] GOÉS, Clarissa. Óleo no litoral diminui procura por frutos do mar e pescadores relatam desespero. **G1**, Pernambuco, 28 out. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/10/28/oleo-no-litoral-diminui-procura-por-frutos-do-mar-e-pescadores-relatam-desespero.ghtml. Acesso em: 28 mar. 2022.

À vista disso, a produção de notícia não é um processo pragmático e depende de diversos fatores, como indica Traquina:

> A notícia é uma construção social que depende basicamente de seis condições de produção ou de existência: a realidade, ou os aspectos manifestos dos acontecimentos; os constrangimentos impostos aos jornalistas no sistema organizacional; as narrativas que orientam o que os jornalistas escrevem; as rotinas que determinam o trabalho; os valores notícias dos jornalistas; as identidades das fontes de informação utilizadas e seus interesses. (BENETTI, 2006, p. 5 Apud TRAQUINA, 2002)

O objeto de interesse deste estudo na parcela de construção social da notícia se concentra nas narrativas apresentadas e na identidade e interesses das fontes. Pelo distanciamento socioeconômico e geográfico entre parte da população urbana em relação aos pescadores artesanais no interior de Pernambuco, a imagem que o noticiário local apresenta à sociedade pernambucana possibilita ou impede uma amplificação das vozes desses pescadores. É possível observar, no noticiário local, o silenciamento da atividade pesqueira até mesmo com pescadores urbanos, como é o caso da Colônia Z-1, localizada no bairro de Brasília Teimosa, zona sul do Recife, que precisa de espaço na mídia para que sua luta chegue a outros setores da cidade.

Para McCOMBS e SHAW (1993), a inserção de assuntos nos jornais abre espaço para a população incluir informações na sua agenda de temas a partir das pautas veiculadas na mídia. Essa ampliação das vozes de pescadores artesanais na população também possibilitaria conhecimento para pressionar o poder público na garantia de medidas de amparo, justiça e direitos para quem exerce a atividade pesqueira.

1.1 Conceito de valor-notícia e enquadramento

O processo de produção da notícia é um caminho complexo que envolve diversos atores, desde o repertório do jornalista até a política editorial do veículo de comunicação. A própria epistemologia do jornalismo tem diversas lacunas que não compreendem de forma satisfatória como se dá esse percurso de construção da notícia. Esta dificuldade em definir o que é o jornalismo atravanca o debate sobre o

papel do jornalista e se associa com uma crise estrutural de sentido na sociedade (BERGER, LUCKMANN, 2004).

Dessa forma, formam-se mecanismos de rotinização do trabalho jornalístico na redação (PEREIRA JUNIOR, 2004) para manter uma organização diante do grande fluxo de informações que bombardeiam o cotidiano do jornalista, sendo a concepção de "valor-notícia" um dos principais fundamentos dentro da noticiabilidade para o entendimento dessa seleção.

Existem vários pontos possíveis de análise quando se trata de valor-notícia. Nesta pesquisa, interessa apenas algumas circunstâncias abordadas por Mauro Wolf (2003) como parâmetros para selecionar informações que vão ou não virar notícia e que podem ser aplicadas no objeto de estudo.

O valor-notícia, na verdade, é um critério para a noticiabilidade do fato, dentro da teoria do *newsmaking*, que afirma o papel do jornalismo como espaço de construção da realidade. Segundo Wolf, a noticiabilidade está "estreitamente relacionada com os processos de rotinização" do trabalho jornalístico por constituir um conjunto de critérios que agilizam as práticas produtivas. Portanto, a notícia apresenta uma narrativa do acontecimento a partir de diversos fatores que conduzem o processo de produção da matéria.

Wolf também define "critérios substantivos" para estabelecer o valor-notícia que um acontecimento possui, isto é, para que seja considerado como uma informação interessante ou relevante para ser noticiada. O primeiro seria a hierarquia das pessoas envolvidas na notícia. Nesse sentido, a presença de fontes com maior poder econômico e político é um parâmetro levado em consideração na construção da notícia. Galtung e Ruge (1965) afirmam que "quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente se transformará em notícia".

O impacto sobre a nação e assuntos de interesse do país também indica preferências na hora de selecionar informações. No caso do derramamento de óleo no Nordeste, a repercussão ultrapassou o noticiário local e entrou na agenda não só de jornais de outras localidades, como o *Correio Braziliense*, do Distrito Federal, e o *Estado de Minas*, de Belo Horizonte, mas também de alcance nacional, como o *O Globo* e a *Folha de S. Paulo*, e de alcance internacional, em veículos como o *The New York Times* e *Le Monde*.

Outro fator importante para o valor-notícia que ocorre com certa frequência é a dramaticidade do acontecimento. Um grande desastre, não só ambiental, possui bastante relevância para ser noticiado. Não à toa o assunto do petróleo em praias do Nordeste recebeu atenção nacional e internacional, como mencionado anteriormente. Até então, é considerado pela Agência Nacional de Petróleo e Gás (ANP) o pior desastre envolvendo vazamento de óleo no Brasil nos últimos sete anos.

A quantidade de indivíduos envolvidos e de pessoas “notáveis” no fato também aumenta a noticiabilidade de um evento.

> Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas e quanto mais elevado for o número dos indivíduos envolvidos num desastre ou quanto mais elevada for a presença de ‘grandes nomes’ numa ocasião formal, maior, é a “visibilidade” desses acontecimentos e, por conseguinte, maior é o seu valor/notícia. (GOLDING; ELLIOTT, 1979)

Com a pauta definida a partir dos critérios, o processo de produção da notícia entra em uma nova instância: o enquadramento. São incontestáveis os motivos da alta noticiabilidade do derramamento do óleo no Nordeste em 2019, mas, quanto ao enquadramento, existem diversas possibilidades de abordagem.

O enquadramento é um mecanismo de interpretação que estabelece os princípios de seleção e os "códigos de ênfase na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2000):

> Em variados graus de tensão, os enquadramentos podem engessar o debate público ou refletir certa abertura para tal, abrindo novas possibilidades de diálogo e contribuindo para uma visão mais plural de enfoque sobre as notícias. (MELO, 2011, p. 13)

Assim sendo, o jornalismo contribui de forma subjetiva na construção da opinião do leitor sobre os acontecimentos.

1.2 Fontes e vozes na notícia

Admitindo que a notícia expõe uma narrativa, fontes e vozes consultadas sobre o assunto são aspectos determinantes para entender as intenções e os interesses representados na história. Nesse sentido, também encontramos mecanismos de rotinização do trabalho jornalístico para sistematizar a seleção de fontes.

Um dos principais recursos é a hierarquização. Em manuais de grandes redações do país, como a *Folha de S. Paulo (PUBLIFOLHA, 2021)*, existe a recomendação de que a principal fonte das matérias deve ser um representante “oficial”.

De fato, é necessário determinar caminhos não só para atender à urgência da produção de um jornal diário, mas também para evitar equívocos, como repercutir informações de fontes que não são seguras ou são mal intencionadas. À vista disso, a crítica a essa mecanização do trabalho não sugere que deve ser totalmente excluída das redações. O jornalista deve, no entanto, estar atento no percurso de produção de casos especiais, de grande repercussão ou de controvérsias, uma vez que este enquadramento tem uma fração relevante de responsabilidade na forma como a opinião pública irá direcionar o assunto.

A escolha inicial de fontes, então, é essencial nessa condução do assunto. Em acontecimentos que são acompanhados pela mídia, como ocorreu com o derramamento de óleo, as primeiras fontes da notícia vão definir a interpretação para as próximas matérias. De acordo com Stuart Hall (2016),

> O importante da relação estruturada entre os *media* e os *primary definers* institucionais é que permite aos definidores institucionais estabelecer a definição ou interpretação primária do tópico em questão. Então esta interpretação 'comanda a ação' em todo o tratamento subsequente e impõe os termos de referência que nortearão todas as futuras coberturas ou debates. (HALL et al, 2016)

Em suma, sem uma reflexão crítica sobre a prática profissional, o jornalismo pode funcionar como ferramenta de manutenção do poder econômico, político e social da classe dominante, que não representa os interesses da maior parte da população.

> A rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem como instrumento essencial para o seu funcionamento, reflecte, por um lado, a estrutura social e de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos. As fontes que se situam à margem destas duas determinações, muito dificilmente podem influir, deforma eficaz, na cobertura informativa. (WOLF, 2003, p.183)

Assim, a análise de fontes e vozes presentes em uma notícia vai muito além de identificar a quantidade de pessoas que foram consultadas pelo jornalista. Mauro Porto (2004) aponta para a existência de enquadramentos plural aberto, quando

aparece mais de uma fonte com versões diferentes, e plural fechado, que retrata mais de uma fonte, porém todas representando apenas uma versão.

No mesmo sentido pode-se destacar a observação de Márcia Benetti (2010, p. 119) sobre notícias com fontes que estão “sob a mesma perspectiva, filiadas aos mesmos interesses e inscritas na mesma posição de sujeito, apenas complementando-se umas às outras”.

Edward Herman (2016) conferiu conceitos igualmente importantes nessa concepção, notando que a notícia pode evidenciar uma diversidade significativa de versões e fontes, que seria o modelo ideal a ser alcançado em uma teoria democrática do jornalismo, ou uma diversidade reprimida/marginalizada, que apresenta mais de uma versão, porém privilegiando uma delas, normalmente a da estrutura de poder.

Isto posto, quantificar as vezes que pescadoras e pescadores artesanais apareceram nas matérias sobre o vazamento é importante, mas não o suficiente. Torna-se essencial analisar também se as vozes da comunidade pesqueira tiveram seus interesses efetivamente representados ou se foram inseridas apenas como coadjuvantes da notícia, e não como fonte de informação legítima.

1.3 Representações Sociais no Jornalismo

Compreendendo que existe uma interação complexa na comunicação, que vai além do simples fluxo de um emissor que transmite uma mensagem a um receptor, é possível assimilar o jornalismo como espaço de sentidos e referências compartilhados pela sociedade, distante de ser neutro, capaz de repercutir representações sociais.

Para Moscovici (1978), as representações sociais são um conhecimento de senso comum, ou seja, um entendimento construído e compartilhado. À vista disso, admite-se que o pensamento social não é uma soma de pensamentos individuais (MOSCOVICI, 1978, p. 25). As interações sociais, as intenções e os contextos influenciam na construção desse imaginário coletivo:

> A representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica. (CRUSOÉ, 2004, p. 107 apud ABRIC, 1994, p. 188)

Aprovada pelos critérios de noticiabilidade, a informação ainda passa por outros parâmetros, como repertório do repórter, recortes possíveis para a notícia, escolha de fontes entrevistadas, entre outros fatores. Ainda que o jornalismo não seja o autor das concepções compartilhadas pela sociedade, ele se configura como ator social para reforçar ou quebrar esses estigmas:

> [...] os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem. (ALEXANDRE, 2001, p.116)

Ao incluir no noticiário narrativas do senso comum, o jornal não só evita conflitos, como também atua na difusão desses conceitos. Alexandre também evidencia esse cenário ao afirmar que:

> As representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações. (ALEXANDRE, 2001, p.123)

Dessa forma, compreende-se que a comunicação é meio fundamental para quebra ou reverberação de representações sociais. Ademais, por mais pertinente que seja, este estudo não pretende entender como se deu a construção do senso comum acerca dos pescadores artesanais, mas sim a forma como o jornal atuou nesse processo.

2 Jornalismo Ambiental: algumas considerações

O jornalismo ambiental, assim como outras áreas especializadas do jornalismo, também cumpre papel político. Bueno (2007) ressalta que, entre as funções desse setor, é importante destacar a função informativa, que permite ao leitor acompanhar as pautas sobre meio ambiente e considerar o impacto antrópico; a função pedagógica, apresentando causas e soluções para os problemas ambientais; e a função política, que não se restringe apenas a uma política partidária, mas também promover a mobilização da população frente às questões ambientais.

Isso posto, as pautas da editoria de ciência, meio ambiente e saúde não devem se manter concentradas em apenas uma área de estudo, mas sim dialogar com contextos diversos da sociedade.

> O Jornalismo Ambiental deve incorporar uma visão inter e multidisciplinar, que extrapola os limites dos cadernos e das editorias, porque a fragmentação imposta pelo sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura de temas ambientais (BUENO, 2007).

Nesta pesquisa, é crucial levar em consideração a ausência de editorias especializadas em ciência, meio ambiente e saúde nos jornais tradicionais de Pernambuco. Constata-se, então, que no jornalismo local é descartada a importância de um setor experiente que trate com responsabilidade e referência, prejudicando a possibilidade de democratização da ciência pelo jornal:

> O surgimento da imprensa especializada em ciência possibilitou que um público mais amplo tivesse acesso a informações antes restritas a cientistas e seus pares. Ao transmitir, de maneira simples, novas idéias, conceitos e técnicas aos quais o grande público dificilmente teria acesso, o jornalismo científico se transformou em instrumento fundamental para a existência de uma sociedade mais democrática. (GOMES, 2005, p. 2)

Apesar da apreciação da funções do jornalismo especializado em ciência e meio ambiente, a própria natureza das questões ambientais, que surgiram a partir da industrialização (DRYZEC, 2013), pode dificultar o entendimento das perspectivas que pautam a produção de notícias dessa editoria, dando preferência às narrativas do ponto de vista do que é chamado de progresso econômico. Por isso,

> Identificar os jornais como um espaço para difundir as questões e os problemas ambientais e pensar a comunicação ambiental como aquela que permite aos cidadãos o acesso à informação, promovendo desde a socialização da informação ao engajamento para a melhoria das condições de vida e preservação do meio ambiente pode ser desafiador e contraditório. (SILVA; GOMES, 2020, p. 63-64)

Enquanto o Jornalismo em geral se dedica a noticiar controvérsias e disputas, Ângela Camana afirma que, em contrapartida, o Jornalismo sobre meio ambiente no Brasil sofre com uma “lacuna” de princípios por ser retratado com “consensos”, mesmo sendo um país marcado historicamente por relações de poder em questões ambientais.

> A cobertura de conflitos ambientais pelo Jornalismo se torna ainda mais importante, já que a defesa da cidadania e dos direitos fundamentais, em especial de minorias, está prevista no código de ética da profissão. Assim, a denúncia das desigualdades e de

> situações de conflito, além de objetos de interesse público, podem contribuir para o fim do arbítrio, do autoritarismo e da opressão -também responsabilidade do jornalista. (CAMANA, 2018, p.129)

Sobre as fontes no Jornalismo Ambiental, Camana (2018) também ressalta a persistência dos jornais tradicionais em encerrar os assuntos de conflitos ambientais em órgãos oficiais e cientistas, anulando o caráter polifônico que é essencial nas matérias jornalísticas. A parte da população que sofre diretamente com desastres ambientais não é considerada uma fonte séria por não ter um "conhecimento especializado ou legitimado", ainda que tenha um conhecimento empírico muito mais próximo ao meio ambiente.

Assim, as fontes "oficiais" nunca são confrontadas pela comunidade afetada pelo desastre e prevalece sua versão distante do assunto, apenas de quem avalia por meios técnicos, sem perspectiva de outras narrativas que apresentam a realidade de quem convive com as consequências do crime ambiental.

2.1 Cobertura de injustiças ambientais

A conceituação de injustiça ambiental surge dentro do entendimento de justiça ambiental, que é considerada um

> (...) conjunto de princípios que asseguram que nenhum grupo de pessoas, sejam grupos étnicos, raciais ou de classe, suporte uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas de operações econômicas, de políticas e programas federais, estaduais e locais, bem como resultantes da ausência ou omissão de tais políticas. (HERCULANO, 2008, p. 2)

Assim, Herculano (2008) também traz a concepção de injustiça ambiental como um "mecanismo" das sociedades com desigualdade socioeconômica para destinar os danos ambientais das ação que a classe dominante costuma a apresentar como progresso e "desenvolvimento econômico "às populações de baixa renda, aos grupos sociais discriminados, aos povos étnicos tradicionais, aos bairros operários, às populações marginalizadas e vulneráveis".

A concepção de injustiça ambiental compreende que os impactos no meio ambiente não afetam na mesma proporção toda a população. Isto é, descarta-se a razão utilitária que assimila o meio ambiente como uma unidade que ressoa a todos de modo "democrático" (ACSELRAD, 2010), sem considerar diferentes contextos socioculturais atrelados ao manejo dos recursos ambientais.

Em contrapartida, a razão cultural inclui a complexidade de relações entre o sujeito e o meio ambiente e seus processos socioculturais. Neste cenário, torna-se fundamental a compreensão da desigualdade nas consequências de danos ambientais e conflitos que surgem a partir desta dinâmica.

> A estratégia ancorada na noção de justiça ambiental, por sua vez, identifica a desigual exposição ao risco como resultado de uma lógica que faz com que a acumulação de riqueza se realize tendo por base a penalização ambiental dos mais despossuídos. (ACSELRAD, 2010)

Sendo assim, o caso do derramamento de óleo é uma injustiça ambiental. Sob essa óptica, admite-se que o jornal está fazendo a cobertura de um crime que aprofunda a desigualdade socioeconômica no país e precisa ser tratado como tal, compreendendo não só como afeta o meio ambiente, mas também o aspecto sociocultural e econômico relacionado ao ecossistema.

2.2 Mídia e Racismo Ambiental

A noção de racismo ambiental surgiu dentro dos estudos sobre justiça ambiental e "não se configura apenas por meio de ações que tenham uma intenção racista, mas igualmente por meio de ações que tenham impacto racial" (HERCULANO; PACHECO, 2006, p.1).

O vazamento de óleo é um crime sem intenção diretamente racista, mas com forte impacto racial, principalmente pela omissão do governo federal que agravou as consequências desse caso. O Ministério da Saúde violou diversos pontos importantes do Plano Nacional de Contingência para Incidentes de Poluição por Óleo em Águas sob Jurisdição Nacional (PNC)[4], que só foi acionado 41 dias depois da primeira ocorrência do óleo.

Outros representantes do governo federal também agiram com displicência nesse episódio. Na época, o ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, visitou a Praia de Muro Alto, em Ipojuca, e declarou que ela estava "completamente apta à

[4]GRANDELLE , Renato; GARCIA, Rafael. Manual dita como agir em desastre com óleo, mas governo violou instruções. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 out. 2019. Brasil. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/manual-dita-como-agir-em-desastre-com-oleo-mas-governo-violou-instrucoes-24040959. Acesso em: 5 maio 2022.

frequentação de turistas”[5], contrariando a Agência Pernambucana do Meio Ambiente (CPRH), que havia reforçado que a água seguia imprópria para banho.

A mídia em seu papel político torna-se principal responsável em denunciar essas condutas para a população, permitindo que a informação conferida ao leitor

> Os casos de racismo ambiental são divulgados através de denúncias em esfera legal e através de mídias sociais e de comunicação, quando são divulgadas através de reportagens investigativas. (PENA et al., 2020)

Como a pesca artesanal no Brasil tem origem quilombola e indígena, a falta de políticas públicas para garantir direitos básicos e proteção à comunidade pesqueira significa, principalmente, grande impacto em uma parcela da população majoritariamente formada por pessoas negras ou indígenas que estão em situação vulnerável, não só pela pouca concentração de renda, mas também por serem diretamente afetados pelas condições ambientais.

> A maioria da população afetada é vulnerável e composta por pessoas afrodescendentes, especialmente o pescador artesanal, em algumas localidades, com até noventa por cento de pessoas negras. Dessa forma, instala-se outro componente de iniquidade inscrito como racismo institucional, sanitário e ambiental que tem se caracterizado nas fragilidades das políticas públicas no país. A ausência de resposta emergencial em saúde para proteger comunidades pesqueiras e quilombolas dessa calamidade é um sintoma de exclusão sistemática de políticas que negam direitos de igualdade e de equidade compensatória. (PENA et al., 2020)

Dessa forma, pescadores artesanais e marisqueiras são postos à margem da sociedade, importando apenas o produto do seu serviço, que é o pescado e o marisco. Quando a mídia se mostra mais interessada em noticiar sobre o pescado e não sobre o pescador, é ignorado um processo de luta pela valorização da atividade e por condições dignas para a comunidade, que precisa enfrentar a falta de representatividade na política, nos jornais e outros espaços sociais.

> O racismo ambiental insurge com a negligência não apenas do pescador, mas de toda a arte da pesca artesanal, excluindo e não reconhecendo quem trabalha na maré e supervalorizando apenas o seu produto (pescado), amplamente vendido como uma iguaria nos mercados, bares e restaurantes da cidade do Recife. (PENA et al., 2020)

---

[5] COM óleo em expansão contínua, Ministro do Turismo diz que praias estão limpas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 out. 2019. Brasil. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/com-oleo-em-expansao-continua-ministro-do-turismo-diz-que-praias-estao-limpas-24042209. Acesso em: 8 maio 2022.

Neste sentido, ao reforçar esse caráter excludente, o jornal funciona como um instrumento de perpetuação dos interesses de um grupo minoritário que exerce poder na sociedade, interessado apenas em entender como o derramamento de óleo afeta as classes com maior renda.

É importante pontuar que os pescadores artesanais já estavam em situação vulnerável antes do vazamento. Então, o ocorrido não é por si só o responsável pelas condições da classe pesqueira, mas agravou sensivelmente as questões sociais que pautam as lutas coletivas dos pescadores.

As quedas na comercialização dos pescados foram sentidas de imediato pelos pescadores artesanais durante os meses de outubro e novembro de 2019, despencando cerca de 80% a 100% em Pernambuco (ARAÚJO et al, 2020). Por consequência, as famílias que dependem da pesca não tinham renda para a compra de insumos básicos, como arroz, feijão e café, e tiveram sua alimentação restringida ao consumo do próprio pescado.

Os pescadores artesanais também alertaram sobre a falta de acompanhamento pelo setor de saúde pública, mesmo sendo o grupo social mais exposto aos impactos negativos provocados pelo vazamento, visto que “seus lugares de trabalho e moradia são os mais duramente atingidos" (ARAÚJO et al, 2020, p. 2).

Além das implicações na saúde e na renda, é preciso considerar a complexa dimensão sociocultural da pesca artesanal. Isto é, o ecossistema marinho e o estuarino são também espaços de expressões afetivas e culturais para a comunidade pesqueira, e essas relações são igualmente afetadas pelo derramamento de petróleo.

> A pesca artesanal é mais que uma atividade econômica, pois significa, antes de tudo, um modo de vida, de representações sociais, de sociabilidades, de práticas e valores culturais, que se traduzem na ciranda, nas festas religiosas marítimas (São Pedro, São Gonçalo, Iemanjá), na culinária, nas simbologias que envolvem os mares e rios, num tipo de conhecimento tradicional, de vínculos afetivos com os ambientes litorâneos (manguezais, mar, estuário, etc.), de autonomia, arte, liberdade para aqueles(as) que a exercem historicamente. A sua provável paralisação, em virtude dos vazamentos, será o silenciar desse rico conjunto de significados e experiências socioculturais históricas. (RAMALHO, 2019, p. 5)

Portanto, o silenciamento de toda luta e modo de vida dos pescadores artesanais ocorre na própria sociedade. O jornalismo, enquanto ator social e político, pode reforçar essa violência ou confrontar esse senso comum e amplificar as vozes da comunidade.

3 Análise da Folha de Pernambuco

A análise desta pesquisa foi qualitativa e quantitativa (BAUER E GASKELL, 2002). Isto é, foi realizado um levantamento de dados para compreender a cobertura enquanto estatísticas e números e análise de conteúdo para interpretar esses dados.

As matérias coletadas estão disponíveis no próprio portal online da Folha de Pernambuco, que permite acesso a edições impressas do jornal de forma gratuita. Foram identificadas ao todo 78 matérias sobre o derramamento de óleo no Nordeste nas edições de setembro a novembro de 2019. O assunto também apareceu na capa do jornal 15 vezes, sendo o destaque principal em sete delas.

Em relação às editorias, a maior parte foi publicada na editoria de Cotidiano, com 33 matérias (42,3%). Em seguida, Brasil, com 19 notícias (24,4%) e política, com 16 (20,5%). Outras seis matérias estavam em Economia (7,7%) e quatro notícias curtas apareceram em Últimas (5,1%).

O número expressivo de matérias em Cotidiano reforça que a falta de uma editoria especializada desloca os assuntos sobre meio ambiente para a vida cotidiana, desconsiderando questões ambientais importantes para a compreensão do tema.

A Folha produz apenas um impresso nos finais de semana, considerado a edição especial “Folha Mais”. Mantém-se o padrão de cor e assuntos das editorias, mas com outros nomes: Cotidiano vira “Zoom”, Política e Brasil integram o “Panorama” e Economia entra no segmento “Mercado”. As últimas notícias não são de fato uma editoria, mas sim uma alternativa para encaixar matérias que não tiveram prioridade nos outros setores.

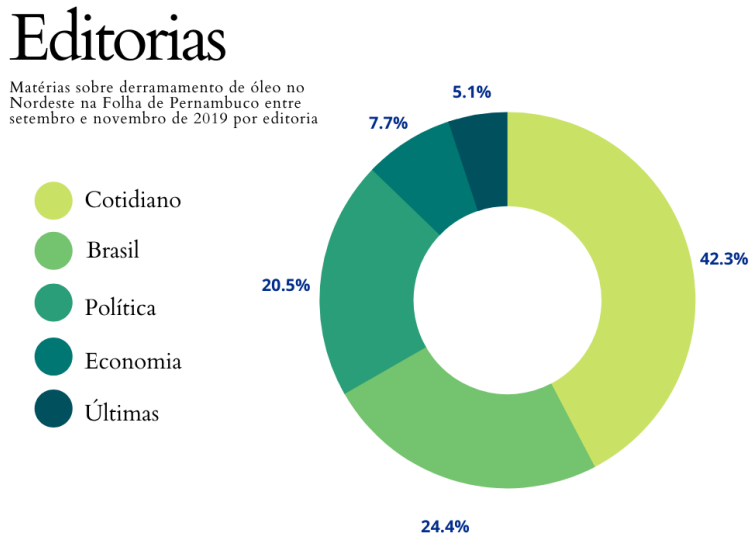

Gráfico 1 - Editorias pesquisadas na Folha de Pernambuco. Fonte: a autora

A primeira notícia no impresso da Folha de Pernambuco sobre o derramamento de óleo no Nordeste foi no dia 4 de setembro de 2019, mesmo dia em que o crime foi noticiado no Jornal do Commercio, considerado como pioneiro na cobertura do tema, de acordo com a pesquisa publicada pelo Intervozes (2020). Assim como no concorrente, existe uma lacuna neste mês, e o assunto só volta a aparecer no impresso do dia 27 de setembro de 2019.

POLUIÇÃO

Piche aparece em praias de PE

LETÍCYA FULCO

Uma substância escura e pegajosa chamou a atenção de quem caminhava nas areias das praias do litoral pernambucano na manhã de ontem. Manchas pretas estavam espalhadas em vários trechos das praias de Boa Viagem, Zona Sul do Recife, e na praia Del Chifre, em Olinda.

Segundo a Agência Pernambucana do Meio Ambiente (CPRH), o material foi identificado como piche, um subproduto dos combustíveis utilizados em embarcações de grandes travessias, como navios de carga. Suspeita-se que tenha sido jogado em alto mar durante uma operação de limpeza dos tanques, o que é proibido por lei.

"Além das praias de Boa Viagem, Del Chifre e Pina, o piche chegou até o município de Tamandaré, e atingiu Cupe e Gamboa, em Ipojuca, e na Paraíba. Pela quantidade, é possível que também chegue em Alagoas", afirmou o diretor de Controle de Fontes Poluidoras do CPRH, Eduardo Elvino. Por lei, o piche deve ser descartado em portos, onde empresas especializadas recolhem o material e o comercializam para indústrias ou levam para estações de tratamento.

A punição por despejar o material no mar pode chegar a R$ 50 milhões. O valor é estipulado de acordo com o potencial poluidor da substância. De acordo com Eduardo Elvino, neste caso em específico, foi constatado que não houve grandes danos à fauna e flora marinhas, já que a corrente trouxe o produto direto para a areia das praias.

A CPRH e a Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), em parceria com técnicos do Porto de Suape e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), estão trabalhando para descobrir qual o navio responsável por despejar o material, baseando-se nas principais correntes marinhas que trouxeram o piche para as praias. Em nota, a Semas afirmou que o aparecimento da substância na orla não está relacionado ao vazamento de água e óleo ocorrido no último dia 26 de agosto, na refinaria Abreu e Lima, em Ipojuca.

REPRODUÇÃO

Em Boa Viagem, placas do resíduo se espalharam pela areia

Figura 1 - Primeira notícia sobre o vazamento na edição impressa da Folha de Pernambuco em 4 de setembro de 2019.

Houve apenas duas publicações sobre o assunto no mês de setembro de 2019. Porém, outubro teve um fluxo mais intenso de notícias sobre o óleo no litoral. Com mais da metade do total, foram 53 matérias, cerca de 70,5%, ganhando até uma identificação gráfica específica para chamar a atenção do leitor para o tema.

Em novembro, as publicações representam outros 29,5% da cobertura, um total de 23 matérias, diminuindo a intensidade da cobertura até o fim do mês.

4.1 Fontes e vozes

Em relação às fontes e vozes nas notícias, foram registradas 173 no total, sendo a maioria (41,6%) fontes oficiais, como prefeituras, ministérios, governos, secretarias e outros órgãos oficiais ou representantes dessas instituições. Sem considerar repetições, 72 das 173 vozes pertencem a esse grupo, reforçando a afirmação de Camana (2018) sobre o consenso das coberturas jornalísticas sobre meio ambiente ao limitarem o assunto nas narrativas oficiais, sem o confronto dessas fontes.

No geral, a fonte mais consultada foi o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), órgão responsável pelo monitoramento do óleo no litoral, seguido pela Agência Pernambucana do Meio Ambiente (CPRH). Entre os representantes de instituições, o secretário de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco da época, José Bertotti, e o de Desenvolvimento Agrário do Estado (SDA), Dilson Peixoto, eram vozes recorrentes nas notícias de Cotidiano.

O segundo grupo de fontes mais consultadas nas matérias foi o de políticos, representando 19,1% do total, sendo 33 figuras políticas sem considerar repetições. O então deputado federal João Campos (PSB), prefeito do Recife em 2021, foi um dos mais citados, principalmente pela sua articulação para protocolar a CPI do óleo. O governador de Pernambuco em 2018, Paulo Câmara (PSB), também aparece com frequência como fonte nas notícias sobre política.

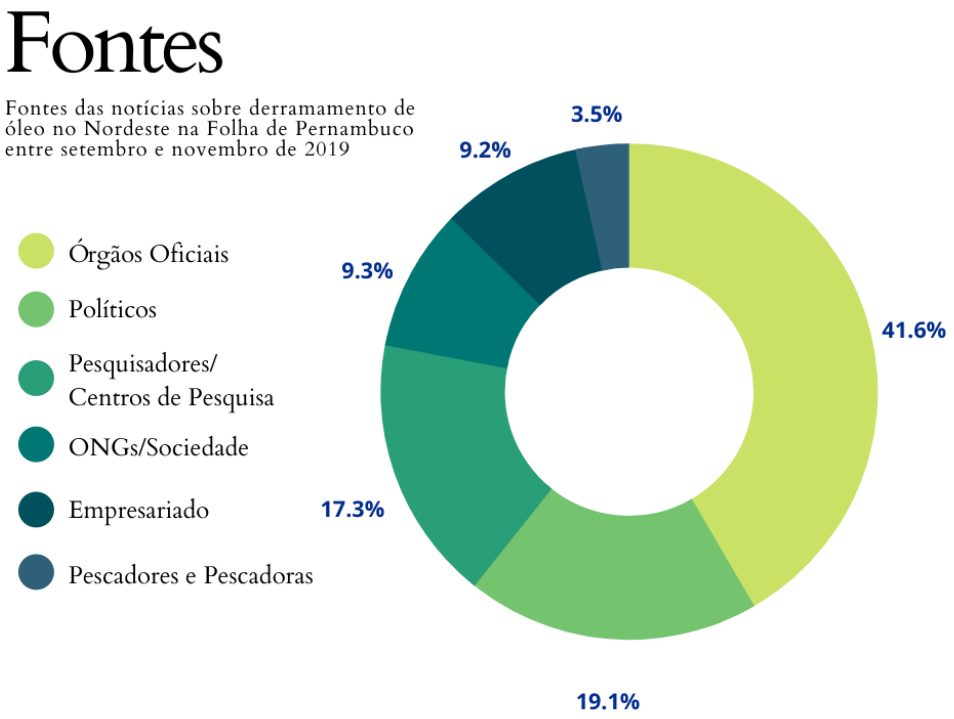

Gráfico 2 – Fontes das notícias. Fonte: a autora

Ao contrário da suposição inicial desta pesquisa, as fontes do setor empresarial não foram destaque na cobertura. Pesquisadores e centros de pesquisa, como universidades, núcleos de estudo e fundações de incentivo à ciência, expressaram 17,3% da cobertura noticiosa do assunto. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é uma das principais fontes desse grupo, junto com pesquisadores da área de Oceanografia e Biologia.

Organizações não governamentais e outros personagens da sociedade, como turistas, voluntários na limpeza da praia e pequenos comerciantes representam apenas 9,3% das fontes, principalmente em notícias sobre a participação ativa da população na retirada do óleo vazado nas praias, já que o Governo Federal demorou cerca de um mês desde a primeira aparição do petróleo no litoral para mover operações de limpeza.

Um destaque interessante da cobertura da Folha de Pernambuco foi a repercussão da dramática foto do jovem Everton Miguel dos Anjos, na época com 13 anos, registrada no dia 21 de outubro de 2019 pelo então fotógrafo do jornal Léo Malafaia. A foto repercutiu mundialmente, ganhando espaço em jornais como *The*

Guardian, *The New York Times*, *Clarín* e *Hamshahri* e entrando no catálogo da *Agence France-Presse*.

Figura 2 - Everton Miguel dos Anjos. Foto: Léo Malafaia

Antes do impacto que causou na mídia de outros países, o jornal não havia incluído a imagem em sua edição impressa. Ainda que o jovem Everton tenha sido entrevistado em uma das matérias, a foto escolhida foi dos seus pés com óleo na areia. Assim, a foto só aparece em uma notícia sobre sua própria repercussão.

10 Cotidiano QUINTA-FEIRA, 24 de outubro de 2019 Folha de Pernambuco

Óleo avança e atinge mais três praias em PE

As praias de Barra de Jangada, em Jaboatão, Janga, em Paulista, e a Ilha do Amor, no Cabo, foram atingidas ontem

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

Mais praias do litoral pernambucano foram afetadas por manchas de óleo. Barra de Jangada, em Jaboatão dos Guararapes, foi atingida pelos resíduos ainda na madrugada de ontem. Já na praia do Janga, em Paulista, uma mancha com cerca de 100 metros de extensão apareceu no fim da manhã. Também foi atingida a Ilha do Amor, no Cabo de Santo Agostinho. Ao todo, desde a última quinta-feira, foram recolhidos 958 toneladas de óleo das praias, sendo 469 toneladas apenas ontem. Para os estuários, 2.145 metros de barreiras de contenção foram implantadas ontem pelo Governo do Estado, além dos 200 metros colocados pela Petrobras/Transpetro.

Em Jaboatão, oitava cidade a ser atingida pelos resíduos, equipes da Marinha, Defesa Civil e do Exército, além das equipes de limpeza urbana do município trabalham na limpeza da praia. A ação contou ainda com a ajuda de cerca de 50 reeducandos. No local, foi feito um cordão de isolamento para evitar que voluntários sem equipamentos de segurança entrassem no mar por causa de risco à saúde.

Na praias do Janga, peixes apareceram boiando, mortos, próximos à mancha. A cidade é a primeira do Litoral Norte a registrar o reaparecimento do produto e a nona do Estado desde o dia 17 deste mês. O Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR) reconheceu ontem a situação de emergência no município de São José da Coroa Grande, no Litoral Sul de Pernambuco, por conta do derramamento de óleo no mar.

Solidariedade

Diante dos problemas enfrentados no litoral pernambucano, empresas unem forças na rede de solidariedade. A Ferreira Costa doou todo o estoque de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) das lojas da Tamarineira e Imbiribeira para a Secretaria de Meio Ambiente de Pernambuco. A cerveja Corona, junto à Parley for the Oceans, promove hoje uma mobilização para retirar petróleo de três locais afetados pelo óleo. As praias que receberão o mutirão serão definidas pelo Ibama.

ARTHUR MOTA

Equipes da prefeitura de Jaboatão retiram o óleo da praia

09:15 100% theguardian.com

Best photographs of the day

Spilled oil and chilli peppers: Wednesday's best photos

REPRODUÇÃO/INTERNET

Clarín MUNDO

Contaminación

Imágenes del desastre producido por derrames de petróleo en las playas del nordeste de Brasil

ÚLTIMAS

Imagem da *Folha* foi reproduzida em algumas das maiores publicações do mundo

Foto da tragédia tem repercussão mundial

Manchas de óleo atingem o litoral nordestino brasileiro desde o dia 30 de agosto. A tragédia tem repercussão no mundo e ganhou uma imagem dramática com a publicação da fotografia capturada pela **Folha de Pernambuco** na praia de Itapuama, no Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife. O registro foi publicado por diversos jornais do País e do mundo.

Autor da imagem, o fotógrafo Leo Malafaia captou o momento em que um garoto de 13 anos, Everton Miguel dos Anjos, braços e pés descalços, tenta remover no mar o óleo que grudou na sua pele. O menino de Ponte dos Carvalhos trabalhava recolhendo o resíduo desde a noite de domingo, junto dos quatro irmãos e vizinhos do bairro, quando vieram as primeiras manchas do mar de Itapuama. "Minha mãe abriu o bar aqui e eu vim para ajudar. Tinha nada para fazer", revelou.

> Menino mora em Ponte dos Carvalhos e trabalhava recolhendo o óleo na praia com irmãos e vizinhos

No jornal inglês The Guardian, a imagem foi capa, ontem, da galeria de 'Melhores fotografias do dia', sob o título "Óleo derramado e malagueta: as melhores fotos de quarta-feira". O The New York Times (dos Estados Unidos), Clarín (Argentina), SVT Nyheter (Suécia) e Hamshahri (Irã), além da Agence France-Presse (França) também replicaram o registro.

Especialistas destacam que o óleo encontrado nas praias nordestinas pode provocar prejuízos à saúde, incluindo dermatites, reações alérgicas e náuseas. A recomendação é não manipular o produto sem equipamentos de segurança adequados - luvas, botas e máscaras - e orientação profissional. Em virtude dos riscos, fiscalizações municipais começaram a isolar os locais afetados para proibir o trabalho voluntário sem equipamentos de proteção.

Caravanas organizadas por ONGs e entidades se deslocam diariamente às praias atingidas.

LEIA MAIS EM POLÍTICA, ECONOMIA, BRASIL e ESPORTES

Painel do leitor

Denuncie e mande fotos sobre os problemas do seu bairro. UTILIZE OS CONTATOS NESTA SEÇÃO. Opine sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo. Este é o seu espaço.

> Podcast

FOLHAPE

http://bit.ly/2pNnUoS

TORCICOLO

A dor na região cervical da coluna é chamada de cervicalgia. Quando acontece de maneira transitória, é popularmente conhecida como torcicolo. Mas, o que muitos não sabem, é que o torcicolo não é um problema em si e, sim, o sintoma de que pode haver algo errado com a coluna cervical. Para falar sobre o assunto, o comunicador Jota Batista conversou, no Canal Saúde da Rádio Folha 96.7 FM, com o ortopedista Rui Eduardo. Escute a entrevista e saiba mais sobre o tema - o motivo, como evitar e também tratar.

> Instagram/folhape

VANDALISMO

"Muito triste isso, ao invés de ajudar aparece gente pra piorar", escreveu a internauta @tatinaraujo14 no post, no perfil do Portal FolhaPE no Instagram, sobre o ato de vandalismo contra a estátua do poeta Joaquim Cardozo localizada na Ponte Maurício de Nassau, no Centro do Recife. A imagem foi manchada com líquido preto. Ontem de manhã, turistas e trabalhadores que passavam pela ponte se surpreenderam com a situação. A Emlurb informou que ainda nessa quarta- feira realizaria vistoria no local e tomaria as medidas cabíveis para limpar a estátua. "Vandalismo. A prefeitura tem de usar as câmeras pra denunciar esse povo e prender", comentou @brunosilvaphotografia.

Foto: Rafael Furtado/Folha de Pernambuco

Figura 3 - Matéria de Cotidiano na Edição de 24 de outubro de 2019.

A primeira matéria em que pescadores artesanais são fontes entrevistadas foi na reportagem “Pescaria incerta”, que ocupa duas páginas no Folha Mais do dia 2 de novembro de 2019. Três pescadores da Colônia Z-8, localizada no Cabo de Santo Agostinho, contam como o óleo afetou a comercialização do pescado e causou um distanciamento entre os membros da organização, que antes se reuniam no lugar. Danos na saúde física pelo contato com o petróleo também é citado por um dos entrevistados.

Figura 4 – Reportagem "Pescaria incerta", Folha Mais do dia 2 de novembro de 2019.

Ainda que o tema central seja a situação dos pescadores do município do Cabo, fontes de outros setores receberam espaço maior na reportagem. A Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA) e o secretário estadual Dilson Peixoto, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a secretária de programas sociais do Cabo, Edna Gomes, o presidente da Associação de Moradores e Amigos de Itapuama, Gleidvander Santos, e até mesmo a comerciante Ivaneide Maria de Oliveira, mãe do Everton que já havia sido entrevistada em outra reportagem, são vozes presentes na matéria.

Ou seja, a maior parte das fontes da matéria são oficiais, e não pescadores artesanais. Em geral, o assunto em que "pescadores" foram mencionados - e não fontes de informação - na cobertura noticiosa da Folha, estava relacionado ao Registro Geral da Pesca (RGP), que também é destacado na reportagem "Pescaria incerta".

A reportagem contempla apenas cinco citações diretas e curtas de três pescadores. No texto, é informado que Nivaldo é comerciante e vive da pesca,

porém não é possível definir se ele é pescador artesanal ou se é cadastrado na colônia Z-8.

A própria escolha de imagens é confusa. A principal foto que estampa a matéria é de uma praia não identificada, provavelmente localizada no Cabo, considerando que é o local da apuração. A segunda é do pescador Gilberto Carvalho e da sua esposa Adriana, que não foi entrevistada.

> ***Gilberto Carvalho:***
>
> *[O óleo] entrou no rio, passou da ponte (que liga ao porto) e saiu pegando siri, caranguejo, ostra. Tudo o que veio pela frente saiu devastando.*
>
> *Eu estou me virando com motores de barco que clientes e amigos deixam guardados aqui e eu cobro uma taxa de aluguel. Dá R$ 250 por mês.*
>
> *Já tinha pego uma gripe e, juntando tudo, adoeci. Fiquei tonto e tive enjoo. Como o posto estava cheio, fui à farmácia e comprei remédio.*
>
> ***Valéria Maria de Alcântara:***
>
> *O que eu pesquei antes [do vazamento] está na geladeira. Nos alimentamos do que temos e todo dia viemos fazer a limpeza do mangue. Da minha pesca, eu pago as minhas contas. Minha filha caçula estuda em um colégio particular e eu estou aqui louca sem saber como pagar a próxima mensalidade.*
>
> ***Nivaldo Manoel da Rocha:***
>
> *Acabou-se com a praia, ninguém vende nada. Não vem cliente. Eu pesquei ainda para comer, eu não me preocupo [com contaminação]. Não vou jogar fora". "Normalmente, eu faturo entre R$ 1.000 e R$ 1.500 no fim de semana, mas no último faturei nem R$ 50.*

Em nenhum momento há menção sobre “pesca artesanal”, “pescadores artesanais” ou “marisqueiras”, o que dificulta o entendimento da natureza socioeconômica e cultural dessa atividade. A exclusão dessa designação é uma forma de violência simbólica, definido por Pierre Bourdieu (1989, p.7-8) como um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Ademais, nenhuma liderança pesqueira foi entrevistada. Este fato importa pois as lideranças não só são bastante articuladas no movimento social e político, como também são os profissionais que estão na linha de frente de todos os assuntos referentes à pesca artesanal local. Na maioria das citações, foi apresentada uma narrativa individual, e não construída coletivamente.

Na matéria “Limpeza ganha força naval”, publicada dia 12 de novembro de 2019, também tem citação direta no fim da notícia. O pescador Ademir Ferreira dos Santos foi entrevistado sobre um levantamento que o Grupo de Acompanhamento e Avaliação (GAA), formado pela Marinha, Ibama e ANP, realizou com moradores no litoral sul que tiveram contato direto com o óleo. "Eles só queriam saber de saúde, mas eu tive muito prejuízo e sobre renda mensal, [perguntaram] nada".

Além de não abordar a situação da saúde física e mental dos pescadores artesanais afetados pelo óleo, o breve espaço cedido para a voz de um pescador é ocupado por alguém que minimiza os danos do contato direto com óleo, sem levar em consideração que cerca de 144 mil pescadores artesanais colocaram sua saúde em risco na interação com esse e outros elementos tóxicos (PENA et al, 2020).

Por fim, a última matéria com pescadores entrevistados no período analisado foi publicada no dia 25 de novembro de 2019, com o título “Expedição pretende mapear óleo”. Mais uma vez, os pescadores são citados apenas no fim do texto.

Nesta reportagem foi identificada a primeira e única vez que usam o termo “pescadores artesanais”, a respeito da única liderança da comunidade pesqueira:

> Laurineide Maria Santana, 56, trabalha há 35 anos no Conselho Pastoral de Pescadores, braço da Igreja Católica que atende pessoas que vivem da pesca artesanal em Pernambuco. Acostumada a falar em público, não consegue mais fazê-lo sem que o choro a interrompa. "Não estávamos preparados para passar por isso. Eu me sinto assim. Sofremos um choque. Estou sem falar em público. Choro sem parar", relata. (EXPEDIÇÃO, 2019)

Outro pescador também foi entrevistado, sem mencionar se é cadastrado em uma organização ou se é pescador artesanal.

> Trabalhando desde os 14 anos na praia de Gaibu, no Cabo de Santo Agostinho, o pescador Edinaldo Rodrigues de Freitas, 48, não parou desde a chegada das primeiras manchas de óleo a Pernambuco. Com seu barco, fez monitoramentos diários no mar, mergulhou para verificar manchas consolidadas no fundo e removeu petróleo da areia. Nal, como é conhecido na praia, diz que não se reconhece mais. "Vivo em um inferno hoje, um inferno grande. Brigo com todo mundo. Não tenho paciência para nada", diz. (EXPEDIÇÃO, 2019)

Fica evidente que a saúde mental dos pescadores entrevistados foi bastante impactada pelo vazamento de óleo. No entanto, o assunto não é desenvolvido em nenhum momento da cobertura.

Assim, a cobertura midiática da Folha de Pernambuco em relação à representação dos pescadores artesanais apresenta um discurso falsamente plural, colocando a situação da comunidade pesqueira como uma consequência adicional do vazamento de petróleo, e não como uma das principais causas de preocupação.

4 Considerações Finais

Após a análise do material coletado na Folha de Pernambuco, as hipóteses iniciais da pesquisa foram confirmadas. A narrativa da cobertura foi conduzida por órgãos oficiais e representantes institucionais, com pouco ou nenhum confronto em relação à perspectiva apresentada por essas fontes, ainda que o governo federal tenha omitido a gravidade do vazamento e postergado ações para contenção de danos. As poucas vezes que houve algum enfrentamento dessa posição, partiu apenas da visão de representantes do governo local, que também são fontes oficiais.

Assim, o jornalismo ambiental exercido durante a cobertura da Folha sobre o derramamento permaneceu no consenso, e não cumpriu seu papel político. As vozes dos pescadores artesanais tiveram quase nenhuma representatividade na mídia tradicional diante de um caso de injustiça ambiental. Levando em consideração a natureza empresarial e política editorial interna do jornal, ficou evidente uma preocupação maior com a comercialização do pescado possivelmente contaminado do que com o pescador em situação vulnerável.

Apesar de não ser o responsável, o jornal expressou o racismo ambiental ao marginalizar e silenciar pautas sobre a saúde física e mental dos pescadores, além do impacto na renda e na segurança alimentar das famílias que dependem da pesca artesanal para se sustentar.

Entre os pescadores entrevistados, foi constatado que houve quase nenhuma representatividade coletiva, sendo apresentada na maioria das citações uma perspectiva individual desconectada da organização política dessa classe de trabalhadores.

Durante o estudo, ainda foi possível observar outro fator que não partiu dos objetivos primários: a violência simbólica no noticiário ao dispensar a designação “artesanal” para se referir a pescadores entrevistados, mesmo que eles sejam vinculados a organizações de pescadores artesanais, como as fontes da Colônia Z-8.

Isto posto, os pescadores artesanais tiveram suas vozes e lutas silenciadas na cobertura midiática da Folha de Pernambuco e as notícias apresentam um discurso falsamente plural ao incluir entrevistas com alguns pescadores, mas sem de fato protagonizarem as informações da matéria. A importância cultural e histórica da pesca artesanal também sofre apagamento na exclusão da designação “artesanal” e a falta de lideranças da comunidade para tratar com propriedade assuntos da classe pesqueira.

Esta pesquisa foi realizada no Ano Internacional da Pesca Artesanal e da Aquicultura, declarado pela Assembleia Geral das Nações Unidas como parte da Década da Agricultura Familiar das Nações Unidas, iniciada em 2019. O propósito da definição é dar maior visibilidade para pequenos produtores. Indo além, a pesca artesanal é intrínseca na história de Pernambuco, influenciando na culinária, economia e cultura locais. É fundamental ampliar as vozes e as lutas dos pescadores artesanais em diversas áreas, como nos meios acadêmico, educacional e midiático.

Por fim, acredito que é preciso uma revisão do jornalismo sobre ciência nas redações de jornal de Pernambuco, principalmente quando se trata de meio ambiente. Não só é descartada a necessidade de uma editoria própria para essa especialização em todas as redações tradicionais, como também é rejeitada a importância de se aprofundar nas especificidades desse ramo jornalístico. Assim como em outras editorias, como economia, vida cotidiana e política, é essencial um preparo para lidar com os assuntos e uma carga de referências que guiam a construção da notícia.

Para quem acompanha os jornais diariamente, é notório um aumento na produção de notícias sobre ciência e saúde desde o início da pandemia em março de 2020, antes do período analisado nesta pesquisa. Ainda assim, insistem em tratar esses assuntos como adicional da vida cotidiana, como aconteceu na cobertura do derramamento de óleo em 2019, sem levar em consideração as complexas questões que envolvem a cobertura jornalística desses temas.

Por isso, dado o contexto atual de desmonte nas políticas ambientais no país, crise climática em evidência e intensificação de injustiças ambientais em nome do "progresso", é cada vez mais indispensável a inserção e o incentivo de produção de pesquisas, análises e referenciais teóricos sobre jornalismo científico na formação dos jornalistas na intenção de refletir esses estudos no cotidiano da redação.

Referências

ACSELRAD, H. **Ambientalização das lutas sociais**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, ed. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001. Disponível em: https://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf. Acesso em: 5 maio 2022.

ARAÚJO, Maria Elisabeth de; RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto; MELO, Paulo Wanderley de. Pescadores artesanais, consumidores e meio ambiente: consequências imediatas do vazamento de petróleo no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 110-125, 2017.

BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis; Vozes, 2010.

BENETTI, Márcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS. Vol. 1, n. 14 (jan./jun. 2006), p. 1-11**, 2006.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz, ed. 2, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, p. 7-8, 1989.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental**: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora Paraná, ed. 15, jan/jun 2007. p. 33-44. DOI: http://dx.doi.org/10.5380/dma.v15i0.11897.

CAMANA, Ângela. Conflitos ambientais: uma pauta central para o Jornalismo. *In*: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho *et al*. **Jornalismo Ambiental**: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 125-134.

CARLSON, Matt. **Journalistic Authority**: Legitimating News in the Digital Era. Nova York. Columbia University Press, 2017.

CARVALHO, Carlos Alberto de. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (Intercom), XIV**. 2009.

COM óleo em expansão contínua, Ministro do Turismo diz que praias estão limpas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 out. 2019. Brasil. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/com-oleo-em-expansao-continua-ministro-do-turismo-diz-que-praias-estao-limpas-24042209. Acesso em: 8 maio 2022.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 2, 2004.

DRYZEK, John S. **The politics of the earth**: environmental discourses. 3rd ed. Oxford University Press, 2013.

EXPEDIÇÃO pretende mapear óleo. **Folha de Pernambuco**, Recife, p. 6, 25 nov. 2019. Cotidiano.

FERRAZ, Arthur. Pescaria Incerta. **Folha de Pernambuco**, Recife, p. 2-3, 2 nov. 2019. Zoom,.

GALTUNG, J.; RUGE, M. The Structure of Foreign News, **Journal of Peace Research**, v. 1, p. 64-90, 1965.

GIRARDI, I. M. T. et al. **Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental**. C&S, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.

GOÉS, Clarissa. Óleo no litoral diminui procura por frutos do mar e pescadores relatam desespero. **G1**, Pernambuco, 28 out. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/10/28/oleo-no-litoral-diminui-procura-por-frutos-do-mar-e-pescadores-relatam-desespero.ghtml. Acesso em: 28 mar. 2022.

GOLDING, P.; ELLIOTT, P. **Making the News**, Longman, Londres, p. 113-133, 1979.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. Editoria de Ciência/Meio Ambiente do Jornal do Commercio: quinze anos de divulgação científica. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2005.

GRANDELLE , Renato; GARCIA, Rafael. Manual dita como agir em desastre com óleo, mas governo violou instruções. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 out. 2019. Brasil. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/manual-dita-como-agir-em-desastre-com-oleo-mas-governo-violou-instrucoes-24040959. Acesso em: 5 maio 2022.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **Revista de gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente**, v. 3, n. 1, p. 01-20, 2008.

HERCULANO, Selene; PACHECO, Tania. Racismo ambiental, o que é isso. **Projeto Brasil Sustentável e Democrático: FASE**, Rio de Janeiro, 2006.

HERMAN, Edward. **A diversidade de notícias**: marginalizando a oposição. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

INTERVOZES (ed.). **Vozes Silenciadas**: A cobertura do vazamento de petróleo na costa brasileira. [S. l.: s. n.], 2020.

LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela; BELMONTE, Roberto Villar. A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo. **Revista Famecos**, v. 24, n. 3, 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8. ed. [*S. l.*]: Editorial Presença, 2003.

McCOMBS, M. E, SHAW, D. L. **The evolution of agenda-setting** : twenty five years in the marketplace ideas. Journal of Communication, v. 43, n. 2, p. 58-67, 1993.

MELO, Paula Reis. **Noticiabilidade, Enquadramento e Cultura Jornalística**: uma discussão teórica. Ícone, [s. l.], v. 13, n. 1, jul 2011. DOI: https://doi.org/10.34176/icone.v13i1.230582.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PENA, Paulo Gilvane Lopes *et al*. Derramamento de óleo bruto na costa brasileira em 2019: emergência em saúde pública em questão. **Cadernos de Saúde Pública**, [*s. l.*], jan 2020. DOI 10.1590/0102-311x00231019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338946683_Derramamento_de_oleo_bruto_na_costa_brasileira_em_2019_emergencia_em_saude_publica_em_questao. Acesso em: 1 maio 2022.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. In: **E-Compós**. 2004.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e Política**. Conceitos e abordagens. Salvador: EDUFBA, 2004.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **Os possíveis impactos dos vazamentos de óleo nas comunidades pesqueiras artesanais em Pernambuco**: um breve e

provisório balanço. Recife: Núcleo de Estudos Humanidades, Mares e Rios (NUHUMAR) – PPGS/UFPE, p. 1-5, 2019.

SILVA, Beatriz Rocha Lins da; RODRIGUES, Gilberto Gonçalves. **Pescadoras e Pescadores Artesanais Silenciados**: Impactos Socioambientais do Derramamento de Petróleo nas Comunidades Pesqueiras em Pernambuco. Mares: Revista de Geografia e Etnociências, [s. l.], v. 2, ed. 2, 2020.

SILVA, Luciana Pereira; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. Ideologia, jornalismo e meio ambiente. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 42, ed. 1, p. 53-74, jan/abr 2020.

STEIGLEDER, Débora Gallas et al. Quando a injustiça ambiental é invisibilizada pelo jornalismo: estudo a partir das reportagens de Zero Hora sobre a contaminação por agrotóxicos. In: **15º Encontro da SBPJor**. 2017.
TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**, ed. 2., Lisboa: Quimera. 2007.

TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.